

Raciocínio e Esquecimento na Depressão

ANA CRISTINA QUELHAS (*)
VICTOR CLÁUDIO (**)
M. J. POWER (***)

1. INTRODUÇÃO

Os dois estudos que iremos apresentar, no âmbito da cognição do sujeito deprimido — concretamente no domínio do raciocínio e do esquecimento dirigido — compreendem uma mesma hipótese geral, que prevê a existência de um enviezamento positivo para os sujeitos normais e de um enviezamento negativo para os sujeitos deprimidos. Defendemos assim, que os melhores resultados obtidos nestas duas tarefas, dependem da valência emocional — positiva ou negativa — que o conteúdo das tarefas comporta.

Esta perspectiva é uma alternativa aos dois pontos de vista mais comuns nestes domínios.

Um deles, originário da psicoterapia cognitiva, assenta na crença de que o sujeito depressivo é menos preciso e realista.

Esta crença suporta teoricamente vários estudos, quer na área da esquizofrenia (Arietti, 1975; Matte-Blanco, 1976; Von Domarus, 1944), quer na área da depressão (Beck e col, 1979), onde se interpreta os erros de pensamento no sujeito deprimido como uma falha nas regras da lógica formal. Estas regras são vistas como fazendo parte do pensamento normal que é caracterizado como racional e lógico.

Por outro lado, com base em investigações centradas nos juízos de contigência (Alloy e Abramson, 1979, 1988), outros autores revelam resultados que mostram suceder o inverso, i.e., os sujeitos deprimidos revelam uma maior precisão nos julgamentos enquanto que os normais revelam um enviezamento que foi caracterizado como «ilusão de controlo».

A nossa perspectiva é mista e por isso pode comportar estes diversos resultados empíricos.

Na nossa perspectiva, a Teoria dos Modelos Mentais (Johnson-Laird, 1983) é uma base adequada como teoria cognitiva e pode ser uma base para a teoria cognitiva da depressão.

Foi esta teoria que maior contributo deu na demonstração de que o pensamento normal não se processa num modo sintático e com regras da lógica formal, mas antes num modo semântico onde os modelos mentais são construídos e manipulados.

Power e Champion (1986) realçam vários aspectos úteis dos modelos mentais para o âmbito das teorias da depressão como por exemplo: (1) Os modelos mentais podem-se organizar reversivamente, assim podem ser construídos modelos de modelos; (2) A organização dos modelos (subordenado/superordenado) pode alterar-se de acordo com situação/contexto (p. ex., em Beck há uma organização hierárquica rígida: crenças primárias/crenças secundárias); (3) A partir dos modelos mentais o ênfase está na utilidade dos modelos e não na sua veracidade ou rigor. Assim, os sujeitos

(*) Assistente, ISPA.

(**) Assistente, ISPA.

(***) Psicólogo, D. Phil, Medical Research Council, London.

constroem modelos de si e do mundo que apesar de geralmente serem incompletos ou imprecisos são normalmente úteis dessa forma. Não é a validade que preside à construção dos modelos mas antes a sua utilidade.

De acordo com M. Power (1991) a perspectiva da distorção e a do realismo, na cognição do sujeito deprimido, podem ser parcialmente verdadeiras porque o desempenho depende não só das condições de verdade como também da valência emocional do material — positiva ou negativa.

Poucos estudos exploram todas as possíveis condições, com excepção de Vázquez (1987), cujos resultados suportam esta interpretação mista.

De uma maneira geral, no âmbito da psicoterapia cognitiva mais clássica, os pressupostos sobre a cognição do sujeito deprimido, para além de assentarem em crenças e corolários irracionais (como por exemplo a bizarra ideia de que «pensar logicamente é pensar positivamente») caracterizam-se também por uma rigidez paralisante — setas com apenas um sentido:

pensamento → emoção

crenças primárias → crenças secundárias

Creemos que este modo simplista de abordar o complexo é ainda um vírus transportado do behaviorismo.

Pensamos que é necessário construir os conhecimentos, neste domínio, com uma base sólida na psicologia, nomeadamente na psicologia cognitiva, de modo a não propagar crenças já desmistificadas, como é exemplo a ideia de que o ser humano pensa de um modo racional e de acordo com as regras formais da lógica.

2. AMOSTRA

A amostra, recolhida em populações de estudantes universitários em Lisboa, foi seleccionada através dos *scores* obtidos na avaliação clínica.

2.1. Amostra seleccionada

Grupo experimental — 35 estudantes moderadamente deprimidos — B.D.I. ≥ 14 .

Grupo de controlo — 25 estudantes «normais» — B.D.I. ≤ 6 ; S.T.A.I. ≤ 30 .

3. AVALIAÇÃO CLÍNICA

- Beck Depression Inventory (21 items)
- Spilberger State Trait Anxiety Inventory (forma Y-1)

4. AVALIAÇÃO EXPERIMENTAL

1. 8 inferências transitivas na forma $A > B$, $B > C$, com auto-referência na conclusão, usando o mesmo adjectivo na pergunta e nas premissas.
2. 8 inferências transitivas na forma $A > B$, $B > C$, sem auto-referência na conclusão, e com o mesmo adjectivo na pergunta e nas premissas.
3. 8 inferências transitivas na forma $A > B$, $B > C$, com auto-referência na conclusão, e com diferente adjectivo na pergunta e nas premissas.
4. 20 slides, cada um contendo um adjectivo positivo.
5. 20 slides, cada um contendo um adjectivo negativo.

O material utilizado na avaliação experimental, no que diz respeito ao raciocínio, foram silogismos lineares, também frequentemente designados por problemas de séries de três termos. Escolhemos este tipo de problemas por serem, no âmbito do raciocínio dedutivo, uma das tarefas mais elementares. O nosso objectivo principal é observar a influência dos conteúdos utilizados, pelo que optámos por controlar possíveis influências que derivem da complexidade inerente ao tipo de problema utilizado.

O tipo de inferência que os silogismos lineares envolvem é designada por inferência transitiva, dado haver sempre uma qualquer escala ou dimensão onde os termos podem ser comparados e ordenados. Por exemplo:

João é mais alto que o Miguel

Miguel é mais alto que o Rui.

Neste exemplo os três termos (João, Miguel e Rui) podem ser designados por A, B e C, em que B é o termo médio, i.e., é o termo que se repete nas duas premissas (Miguel). A estrutura geral deste problema, que tem em conta a ordenação dos termos face à dimensão «altura» é: $A > B$, $B > C$.

Dois exemplos dos silogismos utilizados são:

Com conteúdo negativo:

Eu sou mais infeliz que os meus amigos

Os meus amigos são mais infelizes do que os meus vizinhos
Quem é o mais infeliz ?

Com conteúdo positivo:

Eu sou mais feliz que os meus amigos
Os meus amigos são mais felizes que os meus vizinhos
Quem é mais feliz ?

Na tarefa de esquecimento dirigido foram utilizados 24 slides, 12 com adjectivos positivos e 12 com adjectivos negativos.

Exemplos de adjectivos positivos: Bom, Forte.

Exemplos de adjectivos negativos: Culpado, Feio.

Formaram-se aleatoriamente duas séries de 12 adjectivos. Cada série continha o mesmo número (6) de adjectivos positivos e negativos.

5. PROCEDIMENTO

A apresentação e recolha do material é feita num contexto de sala de aula, com o professor e horário habitual. É fornecido a cada estudante um bloco que contém: Escalas da avaliação clínica; Silogismos; Tarefa de distração; Folha em branco.

O tempo de resolução de cada silogismo é de 10 segundos.

O tempo de projecção de cada «slide» foi de 3 segundos.

No fim da primeira série foi dada a instrução de esquecimento dirigido, i.e., dizemos que até aqui estiveram a praticar, assim, devem esquecer todas as palavras que leram e apreenderem, para depois repetirem as que se vão seguir.

6. VARIÁVEIS CONTROLADAS

a) Mesma solução: o facto de todas as correctas soluções serem a resposta «Eu», o que poderia levar a criar uma tendência para responder de um modo automático em vez de responder através do raciocínio, levou-nos a criar alguns problemas distractores sem a auto-referência na conclusão, para evitar este efeito (forma $A > B$, $B > C$ sem «Eu» na conclusão).

b) Ordem: a ordem pela qual aparecem os silogismos é aleatória e diferente para cada su-

jeito, de modo a evitar possíveis efeitos como por exemplo fadiga nos últimos problemas ou alguma ansiedade nos primeiros problemas.

c) Utilização de apenas adjectivos, com o objectivo de evitar diferentes formas de activação da memória.

d) Distribuição aleatória dos adjectivos para impedir o efeito de primazia.

e) Introdução de uma tarefa de distração entre o fim da projecção dos adjectivos e o pedido de evocação, com o objectivo de avaliar apenas a memória a longo termo.

7. HIPÓTESES

1. Os sujeitos deprimidos apresentam uma desinibição no acesso à informação, o que desencadeia uma maior evocação de adjectivos negativos da lista que deviam esquecer e uma facilitação na resolução de silogismos com conteúdo negativo.

2. Os sujeitos não deprimidos, evocam mais adjectivos com características positivas e resolvem melhor silogismos com conteúdo positivo.

8. RESULTADOS

1. Na tarefa de raciocínio, os sujeitos não deprimidos apresentam uma superioridade significativa nos silogismos com conteúdo positivo (Quadro 1).

2. Na tarefa de raciocínio, não se observa nos deprimidos, nenhuma diferença significativa entre os silogismos de conteúdo positivo e negativo (Quadro 1).

3. Na tarefa de esquecimento dirigido, os deprimidos evocam significativamente mais adjectivos negativos que os não deprimidos (Quadro 2).

4. Na tarefa de esquecimento dirigido, embora os deprimidos evoquem menos adjectivos positivos e mais negativos da primeira lista, as diferenças em relação aos não deprimidos, não são significativas (Quadro 3).

9. CONCLUSÃO

Podemos concluir que existe um enviesamento

QUADRO 1
Resultados na tarefa de raciocínio (média e Anova)

	POSITIVO	NEGATIVO	SIGNIF.
NORMAL (N = 26)	1.68	1.46	.002
DEPRIMIDOS (N = 35)	1.43	1.36	N.S.

Normal — B.D.I. ≤ 6 ; S.T.A.I.X. ≤ 30 Deprimidos — B.D.I. ≥ 14

QUADRO 2
Resultados na tarefa de esquecimento dirigido, palavras evocadas na primeira série

	X	D.P.	F	p
TPA	G1 — 1.28	G1 — 1.04	.302	n.s.
	G2 — 1.17	G2 — 1.01		
TNA	G1 — 1.07	G1 — 1.05	.564	n.s.
	G2 — 1.23	G2 — 1.11		
TOTAL A	G1 — 2.37	G1 — 1.67	.007	n.s.
	G2 — 2.40	G2 — 1.50		

G1 (B.D.I. ≤ 6 , n=26) G2 (B.D.I. ≥ 14 , n=35) TPA = Total de Palavras Positivas
TNA = Total de Palavras Negativas Total A = Total de Palavras

QUADRO 3
Resultados globais na tarefa de esquecimento dirigido

	X	D.P.	F	p
TPAL	G1 — 6.74	G1 — 2.18	1.258	n.s.
	G2 — 7.20	G2 — 1.97		
TP	G1 — 3.92	G1 — 1.45	.531	n.s.
	G2 — 3.71	G2 — 1.43		
TN	G1 — 2.82	G1 — 1.44	5.77	.018
	G2 — 3.49	G2 — 1.40		

G1 (B.D.I. ≤ 6 , n=26) G2 (B.D.I. ≥ 14 , n=35) TPAL = Total de Palavras
TP = Total de Palavras Positivas TN = Total de Palavras Negativas

9. CONCLUSÃO

Podemos concluir que existe um enviesamento positivo nos sujeitos não deprimidos, significativo nas respostas aos silogismos e tendencial na tarefa de esquecimento dirigido.

Contudo, não se observa o previsto enviesamento negativo para os sujeitos deprimidos, já que neste grupo não se encontram diferenças significativas para as respostas dadas aos silogismos de conteúdo positivo *versus* negativo, nem entre as evocações de adjetivos positivos e negativos da primeira lista. Pensamos que tal facto pode estar relacionado com dois factores: (1) O grupo que neste trabalho denominamos «depressivos», são na realidade estudantes medianamente disfóricos. Cremos que a previsão do enviesamento negativo tem fortes probabilidades de ser confirmada em amostras de sujeitos com depressões severas. (2) Num estudo anterior (Quelhas & Power, 1991), tínhamos obtido resultados semelhantes, na tarefa de raciocínio, apesar de uma diferença importante existir no tempo que é concedido aos sujeitos para responder a cada silogismo (antes foi 20 segundos e neste estudo apenas foram concedidos 10 segundos entre cada instrução para virar a página). Pensamos que esta variável poderia transformar os resultados, mas não foi isso que sucedeu. Pensamos ser o factor apontado acima, i.e., o grau de depressão dos sujeitos, a variável que poderá fazer realçar um enviesamento negativo nos sujeitos com depressão. (3) Principalmente na tarefa de esquecimento dirigido, o enviesamento negativo será previsivelmente mais acentuado, se o processamento de informação tiver um carácter auto-referente.

Futuramente iremos correlacionar os resultados das respostas aos silogismos, com os de tarefas de processamento de informação auto-referente, já que pensamos, ser esta uma via para compreender, de uma forma mais clara, a génese dos pensamentos automáticos característicos da depressão.

BIBLIOGRAFIA

Abramson, L.Y., Seligman, M.E.P. & Teasdale, J. (1987). Learned helplessness in humans: Critique

- and reformulation. *Journal of Abnormal Psychology*, 87: 49-74.
- Alloy, L.B. & Abramson, L.Y. (1979). Judgment of Contingency in Depressed and Nondepressed Students: Sadder but Wiser? *Journal of Experimental Psychology: General*, 108(4): 441-485.
- Alloy, L.B. & Abramson, L.Y. (1989). Depressive Realism: Four Theoretical Perspectives. In *Cognitive Process in Depression* (L.B. Alloy, Ed.). New York: Guilford.
- Arieti, S. (1975). *Interpretation of Schizophrenia*. New York: Basis Books.
- Beck, A.T., Rush, A.J., Shaw, B.S. & Emery, G. (1979). *Cognitive Therapy of Depression: A Treatment Manual*. New York: Guilford.
- Bjork, R.A. (1989). Retrieval inhibition as an adaptative mechanism in human memory. *Varieties of Memory and Consciousness: Essays in Memory of Endel Tulving* (H.L. Roediger III & F.L.M. Craik, Eds.). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Epstein, W. (1972). Mechanisms in directed forgetting. In *The Psychology of Learning and Motivation*. (G.H. Bower, Ed.), (Vol. 6). New York: Academic Press.
- Geiselman, R.E., Bjork, R.A. & Fishman, D.L. (1983). Disrupted retrieval in directed forgetting: a link with post-hypnotic amnesia. *Journal of Experimental Psychology: General*, 112: 58-72.
- Johnson-Laird, P.N. (1983). *Mental Models*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Matte Blanco, I. (1975). *The Unconscious as infinites, an essay in bi-logic*. London: Duckworth.
- Power, M.J. & Champion, L.A. (1986). Cognitive approaches to depression: A Theoretical Critique. *British Journal of Clinical Psychology*, 25: 201-212.
- Power, M.J. (1987). Cognitive theories of depression. In *Theoretical foundations of behavior therapy* (H.J. Eysenck & I. Martin, Eds.). New York: Plenum Press.
- Power, M.J. (1989). Cognitive Therapy: An Outline of Theory, Practice and Problems. *British Journal of Psychotherapy*, 5(4): 544-556.
- Quelhas, A.C. & Power, M.J. (1991). Raciocínio Dedutivo na Depressão. *Análise Psicológica*, 1 (IX): 43-52.
- Vázques, C. (1987). Judgement of Contingency: Cognitive Biases in Depressed and Nondepressed Subjects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(2): 419-431.

RESUMO

É descrito um estudo no âmbito do raciocínio e

do esquecimento dirigido na depressão. A tarefa de raciocínio utilizada, consiste em silogismos lineares que incorporam informação com valência emocional para o *self*, quer nas premissas quer nas conclusões. Na tarefa de esquecimento dirigido, utilizam-se adjetivos com características positivas e negativas.

A amostra é constituída por estudantes universitários, sujeitos à avaliação experimental e a uma auto-avaliação clínica no âmbito da depressão e da ansiedade.

ABSTRACT

A study is described which investigates reasoning and directed forgetting in depression.

A linear syllogism reasoning task was utilized which incorporated emotionally valent information relevant to the self in both premisses and the conclusion. The directed forgetting task used positive and negative material.

The task was given to samples of university students who were also assessed for their levels of anxiety and depression.